

AJ 11.409

Apesar de abandonado, Desemboque sobrevive

Com 51 moradores, povoado mineiro pode desaparecer

PAULO PAIVA NOGUEIRA

UBERABA, MG — Considerado berço da colonização do Triângulo Mineiro, com importante papel na história do Estado de Minas Gerais e do País, um pequeno povoado incrustado na Serra da Canastra, às margens do rio Araguari (ou das Velhas), continua abandonado e em franca decadência. Até hoje, mesmo com denúncias e apelos constantes de tombamento, o poder público insiste em ignorar a existência do Desemboque deixando ameaçadas pelo tempo as duas igrejas históricas, que permanecem de pé, graças à boa vontade dos seus 51 moradores.

Fundado nos anos 50 no século 18 por garimpeiros — que até hoje, nas margens do rio Araguari procuram ouro e diamantes, Desemboque fica a 130 quilômetros de Uberaba e a 60 de Sacramento, município ao qual pertence. Local de acesso difícil, os hospitaleiros habitantes dali estão, praticamente, isolados do mundo, o que permite a preservação de algumas tradições, como, por exemplo, os terços que se rezam nos dois primeiros domingos de cada mês — um em cada uma das duas igrejas locais — semelhantes a canto gregoriano, transmitidos por seus antepassados.

O lugarejo conta também com outras festas, que acabam tirando os moradores da rotina do dia-a-dia, que é dividido entre o cultivo de alguns produtos para a subsistência, a fabricação de queijos ou serviços eventuais em fazendas vizinhas. Anualmente, a cada 6 de janeiro, eles promovem uma grande “festa de reis”, com leilões, músicas (há um trovador que conta a história de Cristo em 365 versos).

Todos ali lutam com dificuldades para a sobrevivência, que não depende apenas do amor à terra. A situação atual é reflexo, além do abandono do poder público, também da decadência do Desemboque a partir de 1781, depois que o esgotamento das minas de ouro levou os moradores a formar outros núcleos populacionais, como Uberaba. Basta dizer que, em 1764, segundo historiadores, havia ali 164 casas, com apro-



Sem proteção, igreja de N.Sra. do Rosário pode desaparecer.



Abandono deixou marcas na antiga Igreja de N.Sra. do Desterro.

chegam ao mínimo regional e nem registram os empregados em carteira. Uma casa, atualmente, pode ser alugada por Cr\$ 300, mas, mesmo assim, os jovens vão, lentamente, rumando para outras direções. “Temos que sair, porque aqui não há médico, dentista, nada que nos prenda”, afirma Roni Marques Sobral, 22 anos, trabalhador braçal.

A esperança da chegada da energia elétrica prometida para início do próximo ano — e com ela a televisão — anima os moradores, que possuem apenas rádios em suas casas. Todos têm água corrente em casa — o abastecimento é feito por um canal de oito quilômetros, que data da fundação do Desem-

que, ajuda-nos a compreender importantes aspectos da sociologia de Minas Gerais.” E a esclarecer que a colonização do Triângulo veio no sentido de Ouro Preto e não de São Paulo, como se creê.”

Muita burocracia também atrapalha planos de defesa

O professor Edelweiss Teixeira, que está lançando o livro Uberaba e sua Evolução, propõe um movimento em favor da preservação do povoado histórico, “porque foi dali que partiram a colonização e civilização de toda esta região”. A seu ver, a criação de uma fundação cul-

1764, segundo historiadores, havia ali 164 casas, com aproximadamente mil habitantes, que deram lugar às atuais 17 casas.

De construção, restam ainda as ruínas de uma velha ponte, construída em 1851 e que desabou no início deste século. De importante. As duas igrejas: a matriz de Nossa Senhora do Desterro e a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Elas são cuidadas pela irmandade de Nossa Senhora do Desterro e pertencem à Diocese de Uberaba. Há 20 anos guardavam grande número de castiçais e imagens; agora sobraram somente imagens barrocas, altares entalhados, de autores desconhecidos, mas de expressão artística e histórica.

O valor das imagens é incalculável e causa, quase sempre, problemas aos moradores. Em agosto último, ladrões levaram o badalo do velho sino, que já havia sido transferido do campanário para a matriz de Nossa Senhora do Desterro justamente para não ser roubado. Naquele mês, provavelmente os mesmos ladrões voltaram, numa madrugada ao Desemboque, tentando levar o sino, fundido no século passado em Uberaba. Porém, nessa segunda tentativa, os modadores os expulsaram a tiros. Cujas marcas ainda são visíveis nos túmulos do cemitério em frente à matriz.

A história de roubos já faz parte da vida do povoado, que se ressentido de ter perdido inúmeras imagens durante o decorrer dos anos. Agora, as igrejas são fortemente guardadas por eles, que tomaram essa providência a partir de 1970, quando foram roubadas as imagens de Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, São Sebastião, Nossa Senhora da Conceição e a de São Francisco de Assis. Contudo, foram recuperadas no início de 71, em várias partes do País e depois trazidas de volta, numa precissão de 350 cavaleiros e vários carros, numa festa até hoje lembrada.

Até maldição de padre explica a longa decadência

A vida no Desemboque é difícil, como admite José de Araújo Lima, pedreiro de 32 anos, nascido e criado ali. "Mas nós gostamos daqui porque o clima é bom e a terra dá mandioca, arroz, milho e tudo mais que for plantado." Esperando a energia elétrica chegar até lá, conforme promessas da Prefeitura de Sacramento, José de Araújo é de opinião que, se o governo ajudasse, "a vida aqui poderia melhorar, com a vinda de turistas, trazendo um pouco de dinheiro aos moradores".

Em Desemboque, poucos contam com moeda corrente, pois trocam entre si o que produzem, vendendo somente o excedente. A falta de dinheiro se deve também aos baixos salários pagos pelos fazendeiros, que não

diária a colheita de milho, que data da fundação do Desemboque. Mas, segundo Francisco Garcia Sobrinho, 67 anos, "nós precisamos de outros melhoramentos. Queremos uma escola boa e um posto de saúde, pelo menos. O problema é que o lugar foi excomungado por um padre e, por isso, chegou ao ponto em que está", frisou ele.

TERRA BOA

Explicações sobre a decadência do povoado não faltam. O escritor Joaquim Borges, de Uberaba, que está fazendo uma curta metragem sobre o Desemboque, para ser exibido em circuito comercial, afirma que a decadência se deve principalmente à estrutura agrária brasileira, pois as terras são produtivas. Os moradores do Desemboque não têm condições de viver bem porque a terra está na mão de poucos."

Mas há outras teses sobre o Desemboque, que um dia foi chamado também de "Julgado de Nossa Senhora do Desterro da Cabeceira do Rio das Velhas". Para o escritor e jurista uberabense Ronaldo Benedito Cunha Campos, dali não se extraiu muito ouro, pois o lugar servia como ponto de contrabando do metal. Na época, o arraial pertencia à Capitania de Goiás, sofrendo menor taxaço que em Minas, com a "derrama". "Desse modo, o fim da taxaço teria coincido com o início da decadência do povoado", afirmou.

ENTENDER MINAS

Muitas pessoas do Triângulo Mineiro, principalmente de Uberaba, constantemente procuram atender o "pedido de socorro" do Desemboque. Para isso, cita-se muito Ronaldo da Cunha Campos, que defendeu num artigo da revista Convergência, da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, a importância do Desemboque como fator de unidade regional e sua função histórica, para se entender a realidade do Triângulo Mineiro e do Estado. Apesar da falta de documentos, o estudo da história do Triângulo Mineiro, especialmente a do Desembo-

que de toda esta região". A seu ver, a criação de uma fundação cultural, da qual participassem as prefeituras da região e os governos estadual e federal, poderia solucionar os problemas do lugar.

O jornalista Jorge Alberto Nabut — que já montou peças de teatro sobre o Desemboque, visando à conscientização da população sobre seu valor — defende a recuperação de todo o seu patrimônio histórico. "A idéia de tombamento é boa, mas o serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é moroso e faltam verbas. O importante é que os próprios triangulinos realizem essa tarefa."

BUROCRACIA

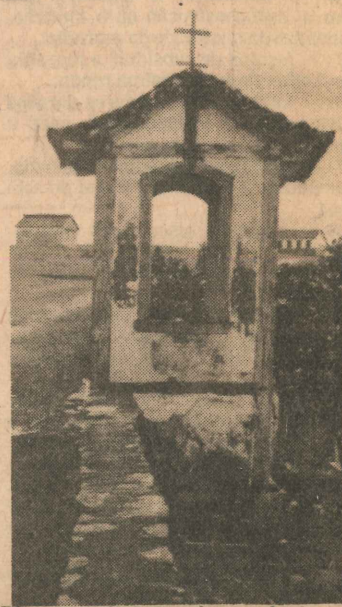
A burocracia é um dos problemas para a defesa do patrimônio do Desemboque, diz Guido Bilharinho, editor da revista de poesias "Dimensão", de Uberaba. Segundo ele, alguns anos atrás o então ministro da Educação, Jarbas Passarinho, foi identificado do abandono do lugar, mas nada fez. "Solicitamos também ao Sphan qualquer ajuda para preservar as duas igrejas, com suas imagens, mas foram exigidos documentos, que procuramos mas não encontramos. Como vamos procurar documentos sem qualquer apoio oficial?", indaga ele.

O prefeito de Sacramento, José Alberto Borges (PDS), também enfrenta problemas para ajudar o povoado porque, segundo ele, os templos pertencem à Igreja e não à Prefeitura. "Porém, o problema maior é a burocracia; todas entidades que poderiam nos ajudar exigem muitos documentos e, legalmente, só podemos fazer alguma coisa através de convênios, já que o Tribunal de Contas não aprovaria gastos efetuados em patrimônio que não é público."

Nesta situação, entre exigências burocráticas, insensibilidade das autoridades e descaso para com a História, o Desemboque continua, com um ou outro turista e garimpeiros persistentes à cata de ouro e diamantes, deixados nos rios e crateras escavadas nas serras.



Francisco Garcia espera benefícos.



Campanário, com sino roubado.

UBERABA, MG — Considerado berço da colonização do Triângulo Mineiro, com importante papel na história do Estado de Minas Gerais e do País, um pequeno povoado incrustado na Serra da Canastra, às margens do rio Araguari (ou das Velhas), continua abandonado e em franca decadência. Até hoje, mesmo com denúncias e apelos constantes de tombamento, o poder público insiste em ignorar a existência do Desemboque deixando ameaçadas pelo tempo as duas igrejas históricas, que permanecem de pé, graças à boa vontade dos seus 51 moradores.

Fundado nos anos 50 no século 18 por garimpeiros — que até hoje, nas margens do rio Araguari procuram ouro e diamantes, Desemboque fica a 130 quilômetros de Uberaba e a 60 de Sacramento, município ao qual pertence. Local de acesso difícil, os hospitaleiros habitantes dali estão, praticamente, isolados do mundo, o que permite a preservação de algumas tradições, como, por exemplo, os terços que se rezam nos dois primeiros domingos de cada mês — um em cada uma das duas igrejas locais — semelhantes a canto gregoriano, transmitidos por seus antepassados.

O lugarejo conta também com outras festas, que acabam tirando os moradores da rotina do dia-a-dia, que é dividido entre o cultivo de alguns produtos para a subsistência, a fabricação de queijos ou serviços eventuais em fazendas vizinhas. Anualmente, a cada 6 de janeiro, eles promovem uma grande "festa de reis", com leilões, músicas (há um trovador que conta a história de Cristo em 365 versos).

Todos ali lutam com dificuldades para a sobrevivência, que não depende apenas do amor à terra. A situação atual é reflexo, além do abandono do poder público, também da decadência do Desemboque a partir de 1781, depois que o esgotamento das minas de ouro levou os moradores a formar outros núcleos populacionais, como Uberaba. Basta dizer que, em 1764, segundo historiadores, havia ali 164 casas, com aproximadamente mil habitantes, que deram lugar às atuais 17 casas.

De construção, restam ainda as ruínas de uma velha ponte, construída em 1851 e que desabou no início deste século. De importante. As duas igrejas: a matriz de Nossa Senhora do Desterro e a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Elas são cuidadas pela irmandade de Nossa Senhora do Desterro e pertencem à Diocese de Uberaba. Há 20 anos guardavam grande número de castiçais e imagens; agora sobraram somente imagens barrocas, altares entalhados, de autores desconhecidos, mas de expressão artística e histórica.

O valor das imagens é incalculável e causa, quase sempre, problemas aos moradores. Em agosto último, ladrões levaram o badalo do velho sino, que já havia sido transferido do campanário para a matriz de Nossa Senhora do Desterro justamente para não ser roubado. Nacuele



Sem proteção, igreja de N.Sra. do Rosário pode desaparecer.



Abandono deixou marcas na antiga igreja de N.Sra. do Desterro.

chegam ao mínimo regional e nem registram os empregados em carteira. Uma casa, atualmente, pode ser alugada por Cr\$ 300, mas, mesmo assim, os jovens vão, lentamente, rumando para outras direções. "Temos que sair, porque aqui não há médico, dentista, nada que nos prenda", afirma Roni Marques Sobral, 22 anos, trabalhador braçal.

A esperança da chegada da energia elétrica prometida para início do próximo ano — e com ela a televisão — anima os moradores, que possuem apenas rádios em suas casas. Todos têm água corrente em casa — o abastecimento é feito por um canal de oito quilômetros, que data da fundação do Desemboque. Mas, segundo Francisco Garcia Sobrinho, 67 anos, "nós precisamos de outros melhoramentos. Queremos uma escola boa e um posto de saúde, pelo menos. O problema é que o lugar foi excomungado por um padre e, por isso, chegou ao ponto em que está", frisou ele.

TERRA BOA

Explicações sobre a decadência do povoado não faltam. O escritor Joaquim Borges, de Uberaba, que está fazendo uma curta metragem sobre o Desemboque, para ser exibido em circuito comercial, afirma que a decadência se deve principalmente à estrutura agrária brasileira, pois as terras são produtivas. Os moradores do Desemboque não têm condições de viver bem porque a terra está na mão de poucos."

Mas há outras teses sobre o Desemboque, que um dia foi chamado também de "Julgado de Nossa Senhora do Desterro

que, ajuda-nos a compreender importantes aspectos da sociologia de Minas Gerais." E a esclarecer que a colonização do Triângulo veio no sentido de Ouro Preto e não de São Paulo, como se creê."

Muita burocracia também atrapalha planos de defesa

O professor Edelweis Teixeira, que está lançando o livro Uberaba e sua Evolução, propõe um movimento em favor da preservação do povoado histórico, "porque foi dali que partiram a colonização e civilização de toda esta região". A seu ver, a criação de uma fundação cultural, da qual participassem as prefeituras da região e os governos estadual e federal, poderia solucionar os problemas do lugar.

O jornalista Jorge Alberto Nabut — que já montou peças de teatro sobre o Desemboque, visando à conscientização da população sobre seu valor — defende a recuperação de todo o seu patrimônio histórico. "A idéia de tombamento é boa, mas o serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é moroso e faltam verbas. O importante é que os próprios triângulinos realizem essa tarefa."

BUROCRACIA

A burocracia é um dos problemas para a defesa do patrimônio do Desemboque, diz Guido Bilharinho, editor da revista de poesias "Dimensão", de Uberaba. Segundo ele, alguns anos atrás o então ministro da Educação, Jarbas Passarinho, foi cientificado do abandono do

409